



OS PROJETOS DE PAISAGISMO E OS
ESPAÇOS LIVRES DOS EDIFÍCIOS DE
APARTAMENTOS

Francine G. Sakata

PROJETO

**FRANCINE
GRAMACHO
SAKATA**

Francine G. Sakata – Arquiteta e urbanista da FAUUSP, pesquisadora do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente – Projeto Quapá – Quadro do Paisagismo no Brasil/ Laboratório de Paisagem, Bolsista Fapesp – 1993-1995.

RESUMO

Em 1972, a legislação de uso e ocupação do solo de São Paulo consagrou a implantação dos edifícios de apartamentos da forma como os conhecemos hoje: torres recuadas dos alinhamentos do lote e com grande porcentagem de área livre. Tal legislação prescreveu recuos obrigatórios e coeficientes de aproveitamento inversamente proporcionais às taxas de ocupação.

Esta legislação aliada a outros fatores, como o trânsito e a escassez de áreas livres públicas geradas pelo crescimento da metrópole, levou as construtoras a utilizar o espaço livre como área de lazer devidamente equipada. A demanda por piscinas, quadras, *playgrounds* e jardins crescia e, assim, surgiram verdadeiros clubes particulares nos lotes dos edifícios.

Muitos paisagistas trabalharam com este tipo de programa, e o estudo destes projetos ajuda a compor o quadro da arquitetura paisagística brasileira, a evolução de seus padrões do desenho. Alguns destes projetos fazem parte da pesquisa “Os espaços livres dos edifícios de apartamentos em São Paulo” desenvolvida com o apoio da Fapesp.

ABSTRACT

In 1972, legislation was passed regulating the use and settlement of São Paulo's tracts of land and thus apartment buildings are now the way we know them today: towers are set back from the limits of the lot and have ample free space surrounding them. This legislation stipulated that the building must be set to the back of the property and utilization rates inversely must be proportional to occupation rates.

This legislation, along with other factors, such as traffic and the shortage of leisure areas caused by the expansion of metropolitan areas, made the construction companies utilize the outdoor spaces as leisure areas with recreational facilities.

Many landscape architects have worked with this kind of projects. This has helped us to create program policies for Brazilian landscape architecture and also the development of its patterns. It is possible to find gardens with contemporary, modern and eclectic project guidelines, each with its unique characteristics. Some of these projects are part of “The Outdoor Sites of Apartment Buildings in São Paulo”, research developed with Fapesp support. This text is based on the results of this research.

INTRODUÇÃO

Os edifícios de apartamentos, por seu porte, se impõem na paisagem paulistana. O atual padrão de ocupação, as torres isoladas nos lotes, foi praticamente estabelecido pela legislação de uso e ocupação do solo da cidade de São Paulo, de 1972. Quantitativamente, a área livre pode chegar até 80% da área do lote. E esta, por exigência do mercado, deve receber um tratamento paisagístico.

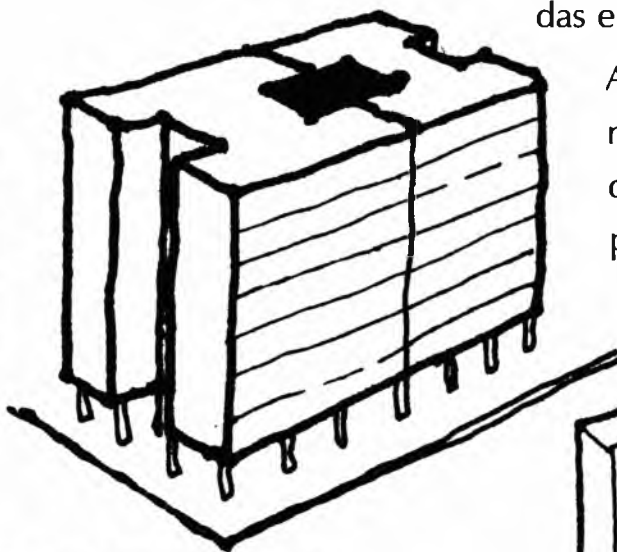
Existem muitas especificidades no programa, nas condições dos lotes e nas exigências dos clientes – normalmente grandes construtoras – que se refletem no desenho e no uso dos espaços livres dos edifícios residenciais. As soluções adotadas para os térreos de prédios, pelos profissionais da arquitetura paisagística, são na maioria das vezes apenas amenizações ou tentativas para simular bem-estar numa cidade que não tem espaços livres públicos adequados em número suficiente para atender às necessidades cotidianas da sua população.

PROLIFERAÇÃO DOS EDIFÍCIOS

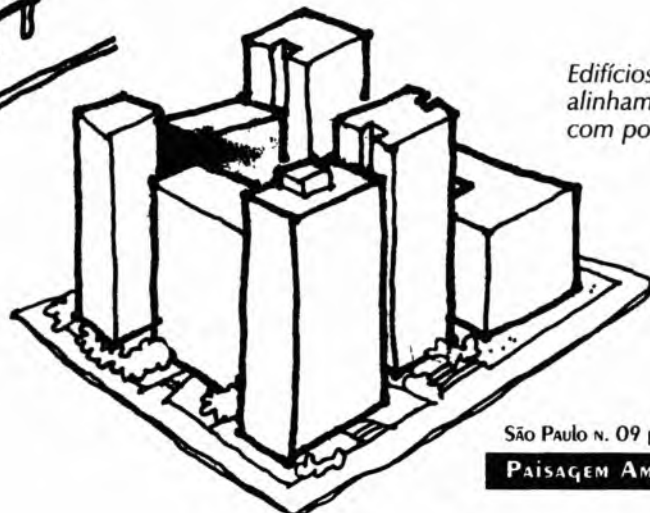
O *boom* imobiliário de 1948, proliferou e popularizou o “condomínio” vertical. Havia carência por habitações, as vendas eram garantidas.

As frentes eram valorizadas arquitetonicamente enquanto os fundos eram relegados ao desprestígio, utilizados como depósito, moradia do zelador ou em prédios

Desenhos: Francine G. Sakata



Edifícios sobre os alinhamentos do lote com poço de ventilação



Edifícios recuados dos alinhamentos, mas ainda com pouca área livre

mais luxuosos, como garagem coberta. As fachadas formavam planos verticais contínuos e os espaços livres se limitavam a áreas contidas em poços de ventilação.

A partir dos anos 40, os prédios foram se afastando dos limites do lotes, como as residências que já nos últimos anos do século 19 contavam com os jardins de frente. Com o isolamento no lote, a disposição em planta foi ficando mais livre e mais racional: dormitórios e salas se voltaram para a melhor insolação¹

1 REIS FILHO, Nestor Goulart.

A partir dos anos 60, a altura média já variava entre 10 e 20 pavimentos, algumas vezes chegando próximo aos 30, já em meio a recuos frontais grandes e recuos laterais e de fundos mais modestos.

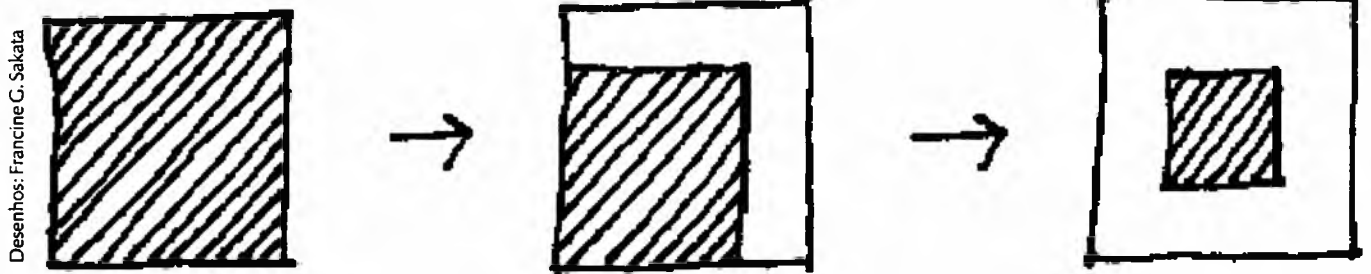
Os novos edifícios foram verdadeiros tijolos em termos volumétricos, condicionados na sua forma pela tipologia dos lotes. Neste período inicial de verticalização, os coeficientes de aproveitamento eram altíssimos em relação aos atualmente vigentes. O edifício Martinelli, por exemplo, tinha um coeficiente de aproveitamento igual a 22. Ao redor da edificação, surgiam pequenos jardins, normalmente em caixas e sobre lajes, entre os paredões dos edifícios que se avizinhavam. Nos anos 70, apareceram os edifícios em forma de "H", com mais apartamentos por andar.

A princípio, tanto a planta de arquitetura como a de paisagismo dos edifícios apresentavam projetos semelhantes aos das residências. Nos anos 70 e 80, os edifícios vão ganhando projetos

A edificação no lote:
Sobre o alinhamento

Afastada em alguns dos lados

Totalmente recuada



Desenhos: Francine G. Sakata

mais de acordo com suas especificidades, com o fato de serem um bloco com estrutura e áreas comuns, projetos mais racionais ao uso coletivo.

CONDICIONANTES DOS PROJETOS DAS ÁREAS LIVRES

A legislação

Em 1972, foi aprovada a nova legislação que visava evitar superconcentração, saturação, congestionamentos, exploração imobiliária etc., disciplinando o uso do solo. Depois de 1972 sofreu poucas alterações. Ela exige recuos o que constitui restrição ao direito de construir, impondo a reserva de áreas *non aedificanti* e possibilitando o surgimento de áreas verdes privadas. As taxas de ocupação variam de 20 a 88% e os recuos laterais de 1,5 m a 6 m no máximo. Este é o padrão da cidade oficial.

Os índices urbanísticos podem garantir a existência de espaços livres, mas não garantem sua qualidade. Os recuos levam à fragmentação do espaço em pelo menos quatro subespaços distintos. São corredores sem função, acessos e caminhos pouco necessários, constituindo-se “áreas mortas” ou espaços que não se prestam ao lazer.

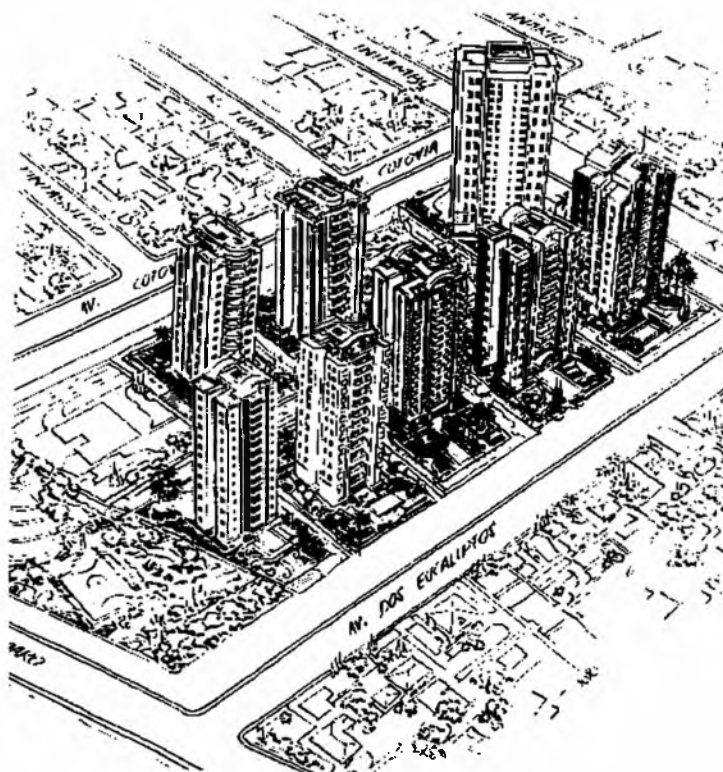
A legislação paulistana atual para os edifícios determina que:

- a) Sejam reservados espaços abertos para o lazer correspondendo a no mínimo 6 m² por habitação (“espaços de utilização comum não cobertos”). Além disso, deverão, independente do número de unidades, ter no mínimo 600 m e conter um círculo de 8 m de raio;
- b) sejam reservados espaços cobertos para equipamentos sociais (“espaços de utilização comum cobertos ou não”). Quando cobertos não estarão incluídos no cálculo do

- coeficiente de aproveitamento até o máximo de 4 m² por unidade;
- c) estes espaços deverão ser equipados para os fins a que se destinam, fazendo estes equipamentos parte do projeto de construção;
- d) não sejam permitidos em logradouros com menos de 10 m de largura;
- e) o conjunto residencial em zona 2 pode ter o coeficiente de aproveitamento igual a 2, ou seja, 200% da área do terreno, se a taxa de ocupação for reduzida proporcionalmente (neste caso, os edifícios nunca têm menos que 8 andares);
- f) metade da área ocupada deverá ser necessariamente ajardinada e arborizada;
- g) não sejam computados para efeito de coeficiente de aproveitamento garagens que não ultrapassem 100% do volume da construção, o apartamento do zelador com até 60 m² e o térreo de "pilotis" sem vedação exceto caixa de escadas e elevador².

2 *Legislação de Uso e Ocupação do Solo do Município de São Paulo, 1972.*

Este recente empreendimento em Moema, a Quadra dos Príncipes, é um bom exemplo do que seriam as tais torres isoladas. Sua volumetria o torna um quarteirão-tipo da cidade de São Paulo. Cada edifício foi recuado dos limites dos lotes onde foram implantados o que criou vários corredores laterais. Por serem todos da mesma construtora, estes corredores laterais poderiam ter sido somados e transformados em espaços mais úteis, mas isto não aconteceu. Arquitetos e paisagistas de prestígio foram chamados para assinar cada edifício
 Fonte: Anúncio Publicitário da Construtora



Esta legislação tem importante papel na definição da paisagem paulistana à medida que consolida a ocupação vertical e a condiciona a seguir em um único padrão, o das torres isoladas. A área livre exigida pela lei é aproveitada então de modo que seu custo possa ser incluído no preço final da unidade. Um número cada vez maior de equipamentos passa a se tornar obrigatório para atrair o público consumidor. O mercado incorpora as “novidades” e elas passam a ser tratadas como necessárias, notadamente: guarita, *playground*, piscina e qua-

Fotos: Francine C. Sakata



Neste caso, playgrounds, decks, piscinas e jardins de edifícios na Vila Nova Conceição foram prejudicados pela sombra das torres vizinhas



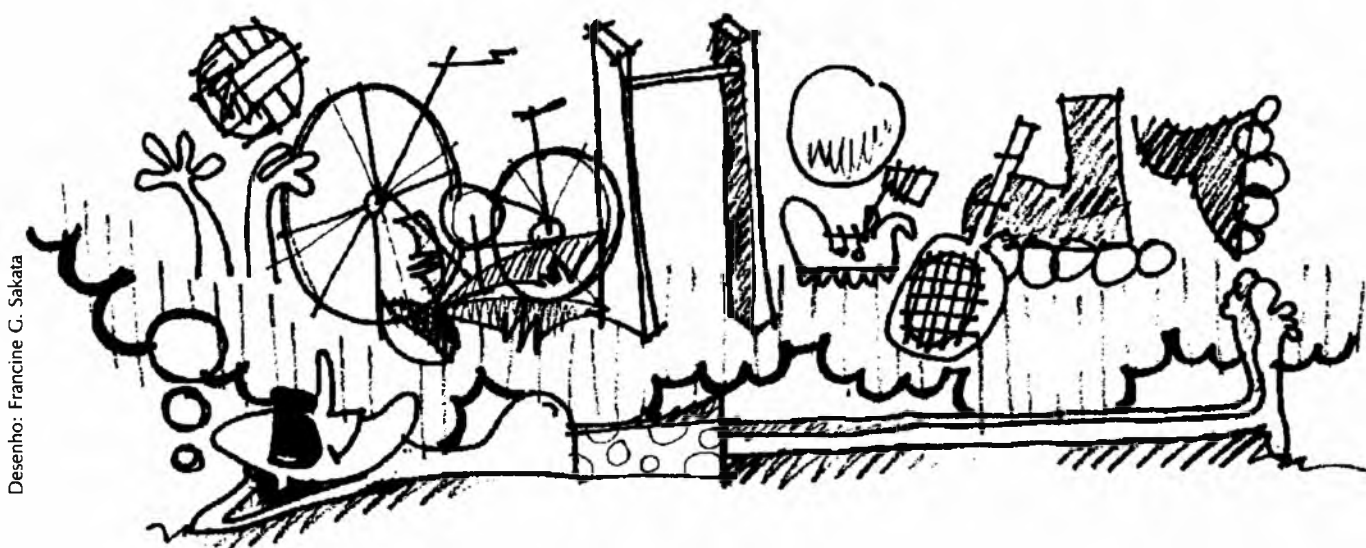
O condomínio Champs Elysées na zona sul de São Paulo, formado por edifícios de 8 andares, com paisagismo do arq. Benedito Abbud, segue as normas de implantação previstas pela legislação, o projeto adequado criou espaços de grande valor, como este solarium

dra poliesportiva. Estes três últimos já eram arquétipos consagrados, o *playground* usado nas praças públicas, as quadras nos clubes sociais e a piscina como símbolo de *status*.

Marketing verde

O clima de camaradagem de “clube”, de “praça”, só existe de fato quando a massa de moradores é maior. O térreo equipado empresta qualidade de vida aos grandes condomínios, mas quase nenhuma aos edifícios de pequeno porte.

Foi na década de 80 que o térreo bem cuidado e equipado cresceu em prestígio. No início da década de 70, em muitos casos o arquiteto nem se dava ao trabalho de projetar as áreas externas, concentrando sua atenção na planta do pavimento tipo, na cobertura e na fachada. Mas no decorrer dos anos 80 foram sendo incorporadas novidades em termos de áreas e equipamentos de lazer. As exceções (equipamentos novos e exclusivos) se tornam regras. As construtoras corriam atrás da moda. Os novos clientes, em geral, compravam apartamentos



Desenho: Francine G. Sakata

Algumas atividades e jogos passíveis de serem realizados em espaços livres (nem sempre podem ser realizadas nos espaços contíguos aos edifícios de apartamentos, pois o potencial de realização depende de uma série de fatores, entre os quais articulação e distribuição espacial) são bola, peteca, volei, futebol, basquetebol, handbol, tênis, queimada, rolemã, skate, patim, caminhada, corrida, andar de bicicleta, bola de gude, brinquedos como trepa-trepa, gira-gira, balanço, escorregador e gaiola, cabra-cega, amarelinha, teatrinho, ping-pong, pular corda, elástico; jogos de mesa como carta, dominó, damas e xadrez; botão, pau-de-sebo, roda, gincana, sorteios, festas, capoeira, ginástica, malha, música ou dança

menores que possuíssem um belo térreo em vez de apartamentos maiores sem o *status* dos equipamentos de lazer.

As construtoras descobriram ainda que a relação custo-benefício do tratamento das áreas externas era extremamente vantajosa para elas. O térreo tratado valoriza muito o empreendimento e tem custo baixo se for comparado com o custo de pisos e acabamentos "nobres" em cada um dos 15, 20 ou 40 apartamentos. A construção do térreo, no entanto, ainda é muito artesanal: a construção da guarita, dos degraus, da churrasqueira, tudo é único. Além disso, as obras só são iniciadas quando cessa o trânsito de materiais. Em virtude dos prazos, soluções artesanais tendem a desaparecer.

No processo de venda das unidades, para as construtoras, o jardim é um elemento que ajuda muito a impressionar os clientes. No entanto, a escolha das espécies vegetais é restrita às espécies disponíveis no mercado que se apresentem mais densas e prontas no momento da venda das unidades, ou seja, pouco depois do plantio ou transplante. Os construtores sempre esperam que o paisagista especifique apenas plantas de bom porte, com folhagens prontas, de crescimento rápido e pouco exigentes. O tempo de crescimento das plantas é por eles desconsiderado.

O arquiteto paisagista, em grande número de casos, é tardiamente chamado. Seu trabalho é procurado em etapas avançadas do projeto ou da construção, em que a estrutura já está determinada, a torre já está implantada e, algumas vezes, parcialmente construída. Quanto mais avançada a etapa do projeto ou da construção, menos se pode fazer. O paisagista não tem a oportunidade de locar a piscina e caixas de árvores nos melhores pontos para o conjunto do projeto.

Outro inconveniente é a destruição da cobertura vegetal do terreno. Algumas vezes, no lote existem árvores de bom porte,

mas o terreno é aplainado, desfigurado e a vegetação destruída. Nesse ato não só a vegetação é prejudicada, mas também, e principalmente, o relevo.

No caso das incorporações, em que um grupo definido de pessoas reúne recursos para a construção de um edifício para elas próprias, a necessidade de marketing não se apresenta como nos edifícios comerciais e, neste caso, o paisagista, como nas residências particulares, tem maior liberdade para escolher as plantas que comporão o jardim.

A floração, que para a planta é um momento muito especial, dificilmente coincide com a data do lançamento do empreendimento, mesmo porque os prazos muitas vezes não são obedecidos. O recurso que supre a ausência de flores, que são muito requisitadas apesar da exuberância das folhagens brasileiras, tem sido o da utilização de vasos com flores da estação como em "shopping centers"



Desenho: Francine G. Sakata

Desenho e Foto: Francine G. Sakata



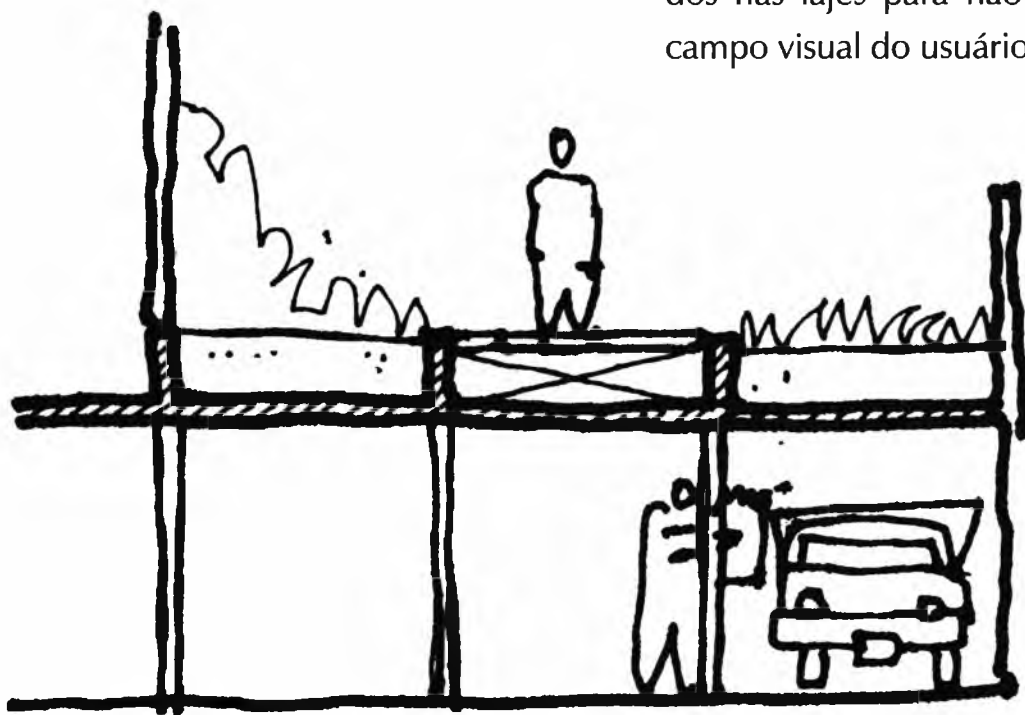
Um exemplo absurdo, mas não raro, é o aproveitamento desta área lateral de um edifício em Perdizes, um espaço "morto", resíduo dos recuos prescritos pela legislação, como quadra de futebol. A paisagista Maria Assunção, autora do projeto de paisagismo, não foi consultada pelos condôminos

Dimensão dos Lotes

Muitas vezes os terrenos têm dimensões reduzidas e este fato interfere no projeto das áreas externas. Mesmo quando os lotes são grandes, os programas extensos podem voltar a tornar a área insuficiente.

Nem sempre as funções previstas pelo programa estabelecido são compatíveis com o tamanho dos lotes, a quadra de esportes e a pista de cooper são exemplos. Reduzir as dimensões de quadras e pistas, sem cuidado, é enganar com a planta o comprador do apartamento.

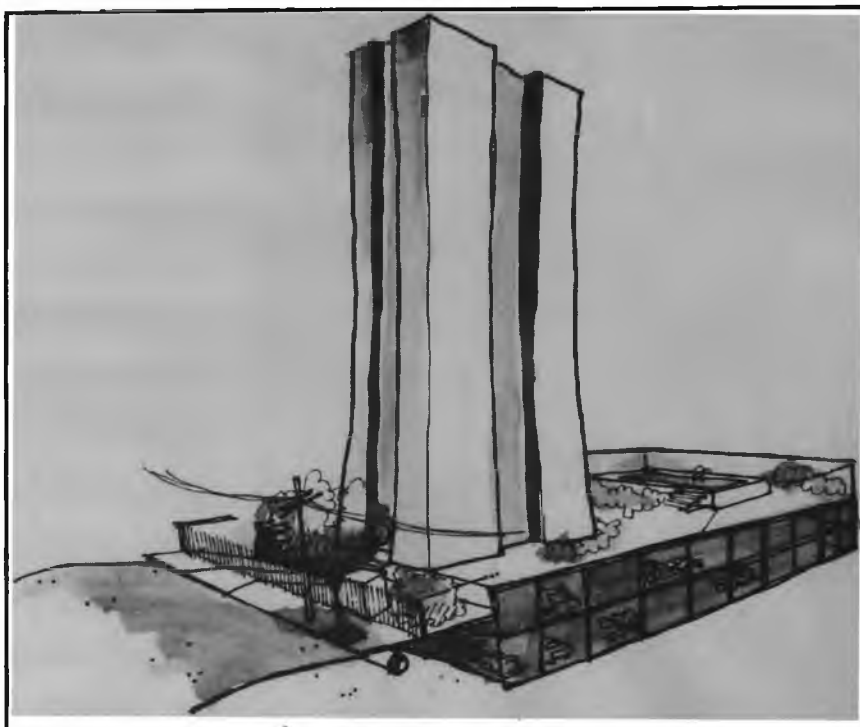
Como contraposição, todo esforço projetual caminha no sentido de dar sensação de espaços mais amplos. Os canteiros são, de preferência, embutidos nas lajes para não restringirem o campo visual do usuário. Os muros são



Esquema de Benedito Abbud para vigas invertidas e caminhos e elevados no térreo

ocultados com vegetação também para minimizar o enclausuramento no lote. Nos limites dos lotes com a rua são postos gradis que visualmente acesam o edifício para a rua, e a rua para o edifício, dando para o térreo um acréscimo de área que é o espaço da cidade.

As linhas diagonais, por exemplo, criam sensações de espaços maiores. São utilizados em profusão os caminhos cortados, os traços chanfrados. Difícilmente se vê o emprego dos eixos principais. O mercado incorporou o uso das formas geométricas com muitos vértices. Elas aparecem tanto no desenho dos térreos como na planta dos apartamentos.



Esquema do lote verticalizado mais típico de São Paulo

Desenho e Foto: Francine G. Sakata

No condomínio Champ's Elysées, nesta foto, a garagem que se encontra sob a área de lazer e jardins a meio nível abaixo da cota da rua, para que não fossem necessárias paredes subterrâneas ainda maiores



Os Novos Jardins Suspensos

Em cada lote verticalizado, em geral, apenas os 5 m de recuo obrigatório não possuem o seu subsolo ocupado por garagens. Toda área restante recebe, embaixo, um estacionamento com dois ou três pavimentos, logo, o pavimento térreo é na verdade um piso impermeável, uma laje de concreto sobre andares enterrados. Toda água da chuva e das regas é, salvo raras exceções, drenada para as tubulações de água sob a pavimentação das ruas, ao invés de ir direto ao lençol freático.

Sobre laje, árvores de grande porte são pouco viáveis. O recuo frontal é a única parte que terá condições de sustentá-las. Ocorre que no recuo frontal aparecem as rampas de entrada e saída da garagem, às vezes vagas para visitantes e a guarita que deve ter vistas garantidas sacrificando-se a possibilidade de plantio de árvores. Algumas vezes ainda os lotes têm testadas muito pequenas e, em nome da insolação dos apartamentos dos primeiros andares, torna-se, mais uma vez, necessário sacrificar o arvoredo.

Algumas árvores de menor porte – como ipês e bauíneas – são colocadas sobre laje utilizando-se canteiros ou caixas com 1 m de profundidade de terra sobre vigas ou pilares. Para forrações,

Na segunda imagem aparecem canteiros elevados em relação ao piso, um caso bastante comum. Eles criam a sensação de caminhos mais estreitos. Para minimizar esta impressão foram feitos alargamentos no caminho que configuram pequenos espaços de estar. As muretas são transformadas em bancos



Foto: Francine G. Sakata

Foto: Francine G. Sakata



Por último, a laje plantada sobre o salão de festas. Foi feita uma impermeabilização, colocada uma camada de terra e algumas espécies de plantas. Dos apartamentos, ao invés de uma laje árida de concreto se vê um grande canteiro

às vezes, usa-se apenas 20 cm de terra quando o aconselhável, tanto para arbustos como para forrações, seria 40 cm para não ressecarem facilmente.

O esforço dos paisagistas está, quase sempre, em “descharacterizar” a laje, ou seja, tornar os jardins suspensos o mais semelhante possível com os jardins sobre o solo. Preferem, portanto, que os canteiros fiquem no mesmo nível dos caminhos e não em caixas. Além disso, as floreiras reduzem visualmente os espaços dando sensação de “enclausuramento” Para isto, se valem de recursos como inverter as vigas, colocar duas lajes, elevar os caminhos.

Segurança

Boa parte da preocupação dos condomínios se volta para a segurança dos mesmos. As guaritas, portarias e os gradis ou muros compõem em 100% dos lotes verticais contemporâneos. Essa preocupação influi no trabalho de quem projeta

Fotos: Francine C. Sakata



Neste edifício, o Athenas Garden, na vila Mariana, o morador e o visitante são obrigados, para entrar, atravessar dois portões, chamados de "gaiola". Extremamente desagradáveis, foram colocados em nome da segurança

Nestes dois edifícios da vila Nova Conceição foi possível aliar a segurança com "ambientação urbana". O muro e o gradil, respectivamente, foram afastados da calçada que acabou ganhando um jardim



a área do térreo. Por exemplo, a entrada de serviço e social que eram distintas – por causa de nosso passado imperial – passam a ser integradas porque isso torna mais fácil o controle dos seguranças sobre os acessos. Para conservar a visibilidade na frente do lote e a integridade dos fios de alarme, árvores e arbustos são muitas vezes evitados ou removidos.

EVOLUÇÃO NOS PADRÕES DE DESENHO

Os jardins particulares de praticamente toda a primeira metade do século 20 são estruturados dentro dos padrões do ecletismo, principalmente os das residências unifamiliares. A denominação *jardins ecléticos* foi feita pelo professor Silvio Macedo por analogia ao ecletismo arquitetônico. Suas características mais marcantes são a estruturação através de caminhos e o caráter contemplativo.

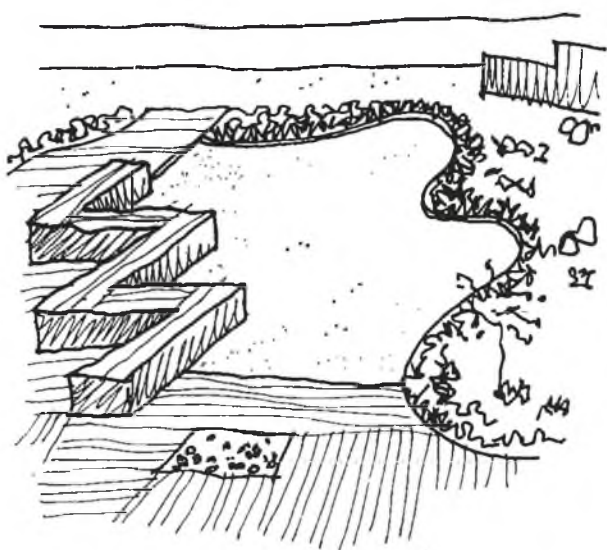
Os jardins do ecletismo eram de estilo, e estes estilos nem sempre eram coerentes com o edifício que envolviam. As residências misturavam estilos clássicos, barrocos, elementos gregos, romanos, renascentistas franceses, italianos, egípcios, ... muitas vezes totalmente diferentes do estilo da edificação.

No decorrer das décadas de 50, 60 e 70, se consolidou o jardim moderno. Em São Paulo, por influência de Roberto Coelho Cardozo, que trouxe lições de Garret Eckbo para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Na costa oeste norte america-



*Este jardim de cactos e pedras foi feito para a residência eclética que aparece ao fundo, projeto de Germano Zimber
Fonte: Revista Jardins de Hoje*

Jardim para uma casa de praia em Aptos, Califórnia. Projeto de Thomas Church, de 1949



na, Garret Elkbo, Thomas Church, Laurence Halprin e outros, em sua maioria alunos do Harvard Institute of Design (onde lecionaram os professores da Bauhaus) iniciavam um trabalho inédito, relacionado

com a nova arquitetura. Outras influências foram o trabalho de Waldemar Cordeiro em São Paulo e Roberto Burle Marx no Rio de Janeiro, ambos pintores modernos.

Os jardins modernos são mais funcionais e articulados como um conjunto, trazem plantas nacionais com predominância de folhagens exuberantes, densas e tropicais. Nesta transição, os jardins do ecletismo não desaparecem. Existem jardins ecléticos em edifícios modernos sobre pilotis, por exemplo, pois os estilos correntes incorporados ao repertório das pessoas são ainda buscados como forma de se obter reconhecimento social.

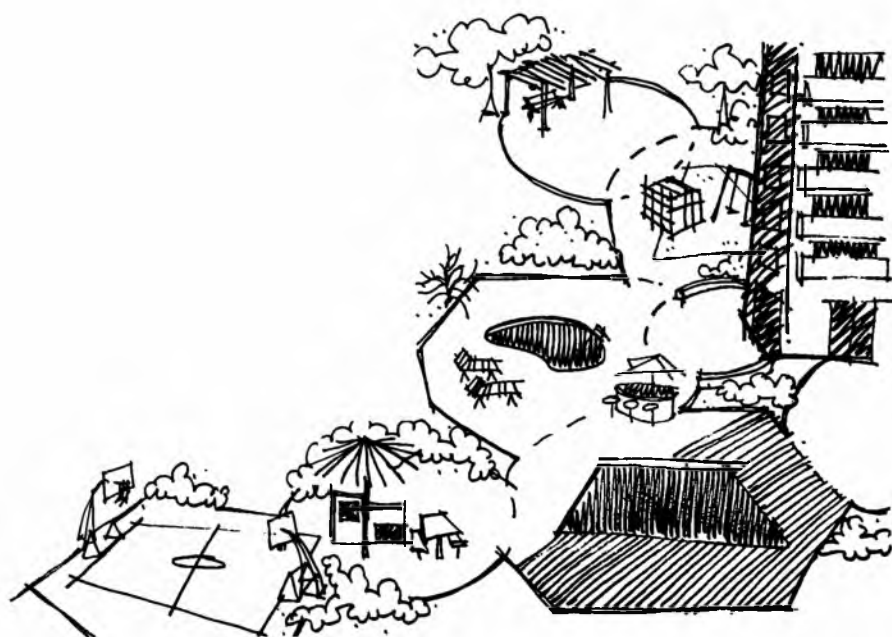
Fotos: Francine C. Sakata



Edifício João Ramalho, nas Perdizes. Projeto de paisagismo do concretista Waldemar Cordeiro



Xadrez com forrações de verdes diferentes e um espaço de brincar e de estar



Esquema de um projeto de paisagismo moderno para um edifício de apartamentos, com espaços integrados

Neste período, com a valorização da vida familiar abriram-se, para os pátios e jardins dos fundos, quartos e salas, cômodos da intimidade da família. Integrou-se espacialmente o jardim e a edificação. Valorizou-se a transparência, os visuais, a fluidez e a continuidade espacial. Do interior da edificação se tornou possível ver a parte externa e vice-versa.

Nos edifícios de apartamentos, os pilotis viabilizam a sonhada fluidez livrando o térreo das vedações. O primeiro passo foi suprimir a habitação no térreo que, hoje, só aparece em alguns edifícios de poucos andares e baixo padrão. Para os arquitetos e urbanistas da época, além de visualmente desimpedida, a parte frontal deveria ser integrada à calçada, e o térreo ser uma área de convivência para todas as pessoas.

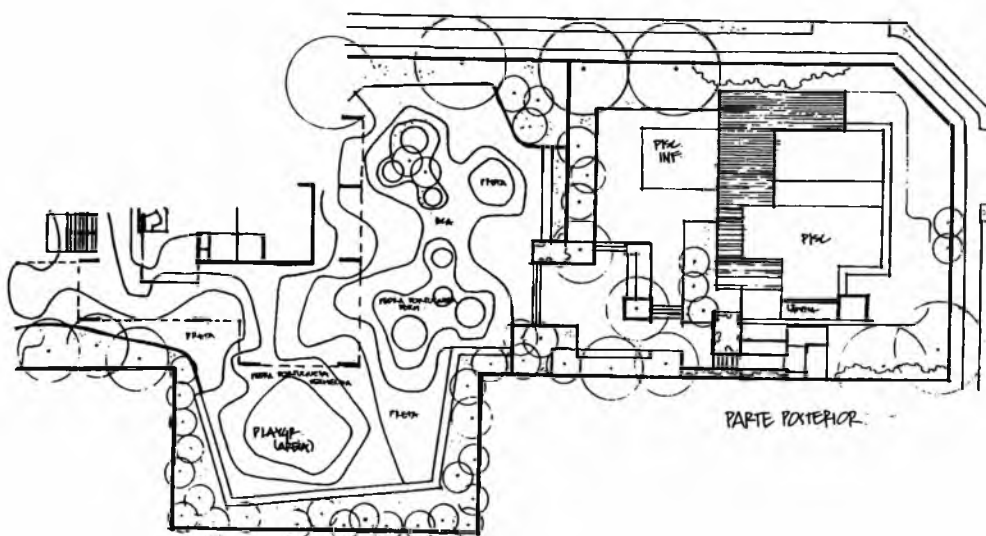
A área livre passa a ser composta por áreas onde se desenvolvem atividades de lazer, nunca uma atividade apenas, mas várias categorias como o "estar", o "lazer contemplativo", o "lazer ativo", a "recreação infantil" e os "serviços". Os espaços com flexibilidade de uso são vantajosos porque atendem um maior número de interesses que podem também variar com o decorrer do tempo.

Os projetos arquitetônicos e paisagísticos incorporam também o elemento surpresa. Assim, o usuário do espaço tem vistas diferenciadas e inusitadas à medida que transita. E ao mesmo tempo em que se pode acessar visualmente outros espaços, estes não devem ser previsíveis “emocionalmente” para isto, os ângulos de visão e as sensações devem mudar a cada trecho, alguns espaços devem ser mais íntimos, fechados ou semi-fechados, outros mais monumentais, abertos ou semi-abertos ou ainda espaços de transição. Nos jardins do ecletismo aparecem espaços mais íntimos e outros mais abertos, mas esta intenção não é tão clara. A previsibilidade é uma característica do jardim de estilo.

O paisagismo, à medida que se integra à edificação fica mais coerente com a arquitetura desta. As linhas do jardim moderno se adequam à moderna arquitetura. Os jardins de Roberto Burle Marx são, muitas vezes orgânicos para edifícios rigidamente ortogonais. A combinação resulta perfeita, as linhas abstratas e sinuosas do jardim amenizam a rigidez dos edifícios.

A respeito de Burle Marx, uma série de posturas que influenciaram o paisagismo paulista podem ser apreendidas: a escolha das espécies, o uso do mosaico português, o emprego dos

O edifício Macunaíma, no Alto de Pinheiros, do arquiteto Marcello Fragelli teve o térreo projetado por Roberto Burle Marx. O desenho do piso é sinuoso mas os elementos construídos são ortogonais



Fotos e desenhos: Francine G. Sakata



Algumas erupções do piso formam "seios" onde foram embutidos vasos com bromélias



O piso de areia do playground tem também formato amebóide



A mureta dos canteiros laterais se transforma em banco e a vegetação esconde o muro



A piscina foi elevada em relação ao piso do térreo, mas o desnível foi distribuído em patamares intermediários



O desenho do deck de madeira se ajusta ao da piscina



O hall é envidraçado e invadido pelo piso: interior e exterior se relacionam segundo os princípios modernos

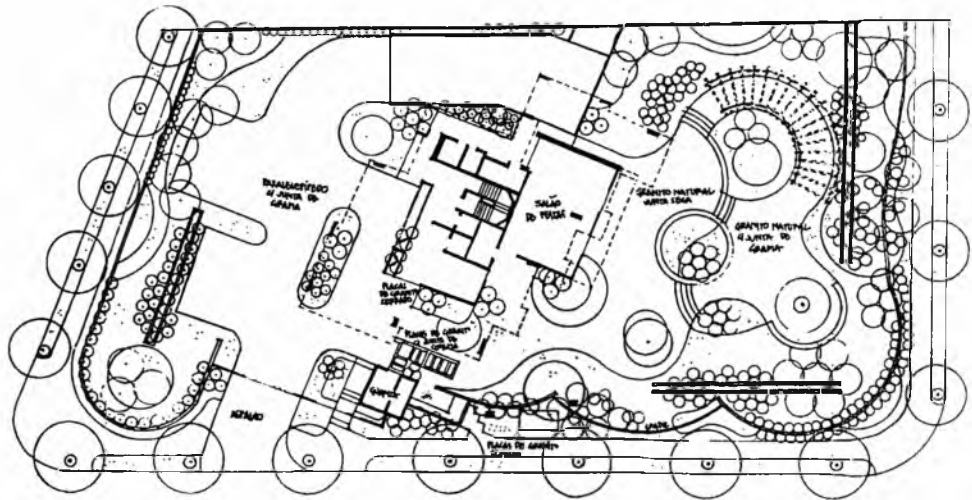


No edifício Jardim de Giverny, no Itaim, Burle Marx criou muro trabalhado num alto relevo de concreto e xaxins. O pórtico sobre a entrada é um elemento mais contemporâneo, nunca moderno



No piso, desenhos geométricos de mosaico português

O edifício Parc Monceau na vila Nova Conceição com paisagismo assinado por Sidney Linhares e Fernando Chacel não é equipado porque entenderam que as poucas famílias que ali residiriam dificilmente usariam o térreo



Do piso de pedra com junta seca para o gramado existe uma transição, pedra com junta de grama



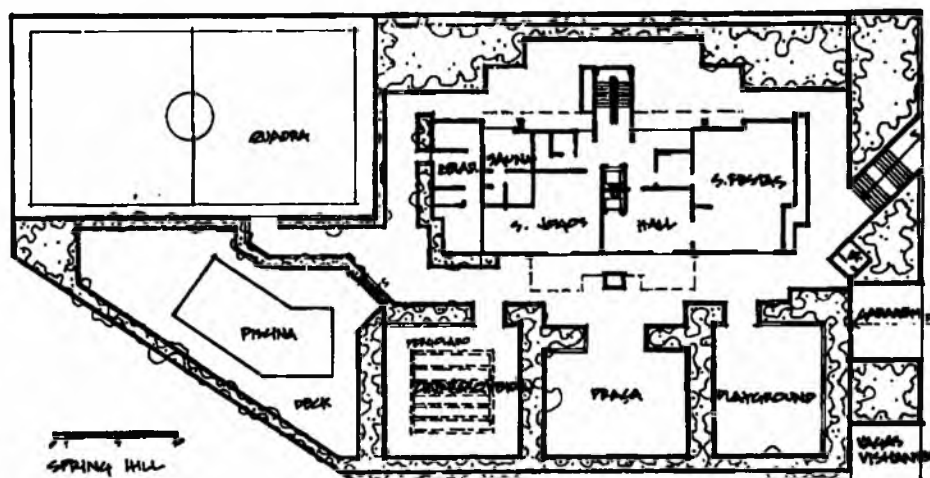
Os canteiros têm linhas curvas e espécies tropicais



Há um acesso para carros, pergolado, chamado de "cochère" nos anúncios de imóveis

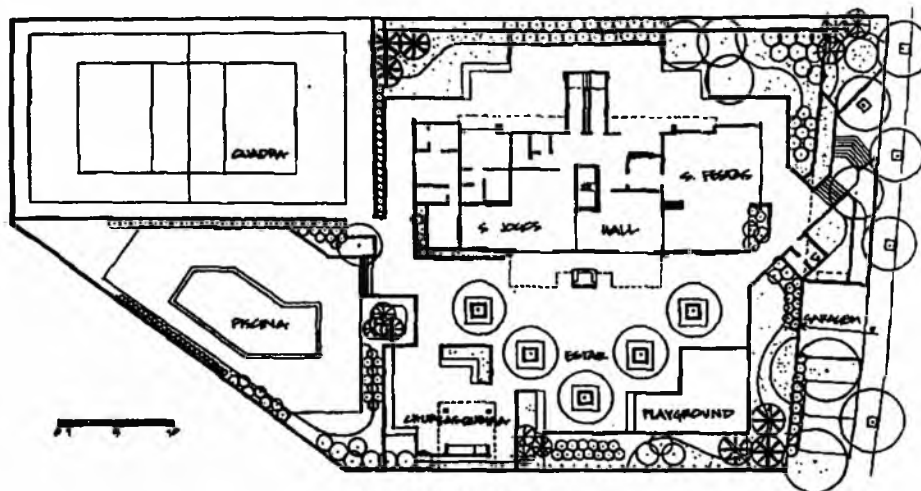


A pérgola sugerida foi projetada em semicírculo e organiza um espaço para contemplação



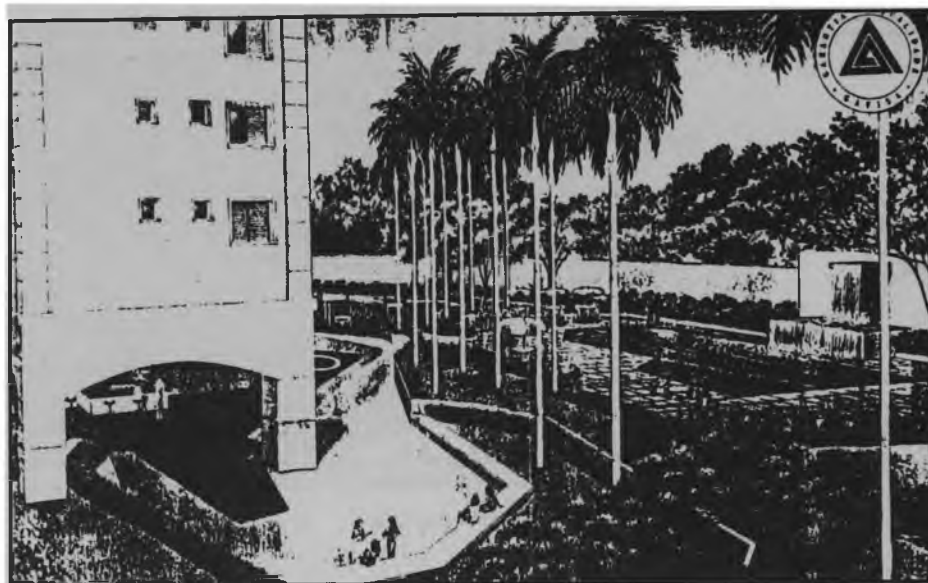
Proposta da construtora

No caso do edifício Spring Hill, a construtora entregou ao paisagista já uma proposta com espaços rigidamente delimitados por canteiros. Linhares e Chacel desenvolveram um projeto com playground, espaço de estar e caminhos integrados



Proposta dos arquitetos

espelhos d'água, o emprego dos planos verticais de concreto com moldagem, muros coloridos e o uso de esculturas distribuídas nos projetos de paisagismo. Também podem ser observados o uso das cores em pisos, massas de forrações ou arbustos e os desenhos de pisos, massas de forrações ou arbustos e os desenhos de piso sempre presentes e marcantes em sua obra, em formas abstratas, orgânicas ou geométricas, normalmente arredondadas, amebóides.



Edifício Prince de Gales, segundo o anúncio publicitário "um autêntico neoclássico com paisagismo de Burle Marx & Cia." Declaração explícita de que o térreo não tem nada em comum com a arquitetura da edificação

Os edifícios modernistas, como princípio, não comportam ornamentos decorativos. O jardim moderno torna-se o único complemento à arquitetura moderna. Um complemento essencial já que não há o rebuscamento nas construções e que o concreto e o tijolo estão aparentes. O jardim não aparece unicamente para monumentalizar a edificação, mas para continuá-la e, desta maneira, participar da vida das pessoas. O desenho da área do térreo procura acompanhar a arquitetura da edificação. Mas existem jardins modernos para edificações não modernas, eles seguem seus próprios padrões estilísticos, como no exemplo do edifício Prince de Gales.

Aos poucos, o projeto moderno torna-se também mais um cenário que um conjunto de princípios. Surge com algumas variações estéticas, às vezes mais decorativo. O extremo do rebuscamento pode ser chamado "pós-modernismo", aparecendo, por exemplo, sob a forma de muitos ângulos, que já estavam presentes nas plantas dos apartamentos, pórticos no alto dos edifícios, acessos com coberturas de estrutura metálica, outros acessórios, pisos desenhados com molduras, revestimen-

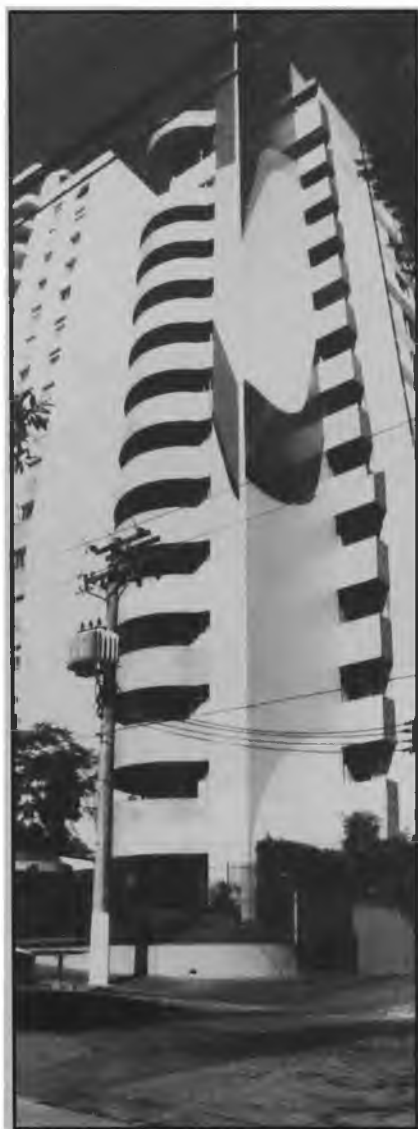
tos de cerâmica colorida, cores fortes e ornamentos em profusão. A racionalidade existe, mas não é tão aparente.

Nos anos 80, a integração espacial das décadas anteriores se mantém, mas a fluidez tem mais restrições. É um processo de individualização e enclausuramento. A continuidade visual e a integração interior-exterior mantém-se com varandas, vedos de vidro e generosas aberturas.

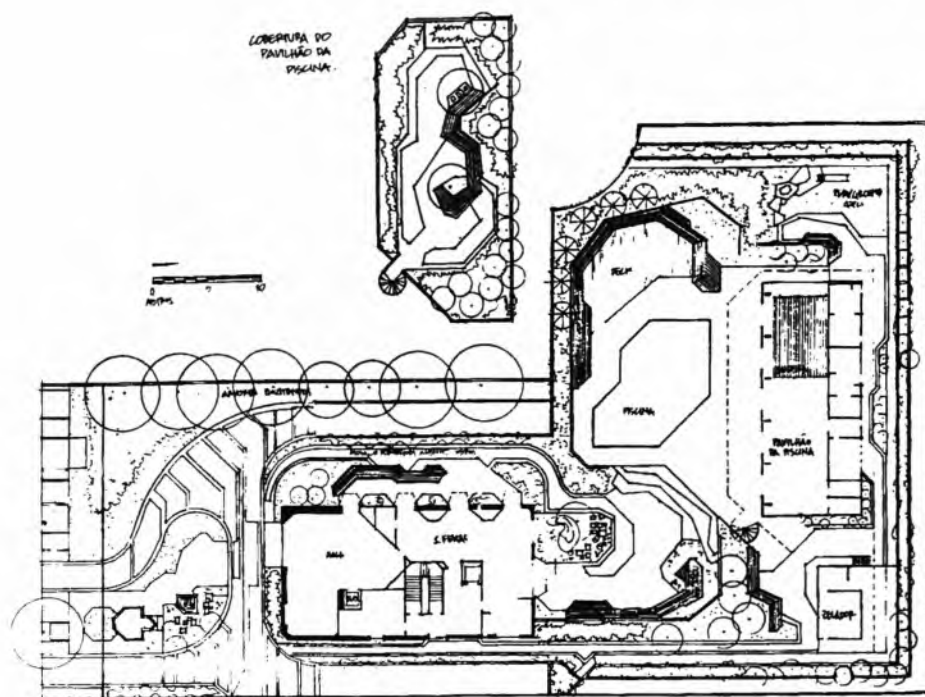
Nos salões de festas, por exemplo, portas-janelas dão para a área externa ou para uma pracinha de apoio rodeada de plantas. As aberturas envidraçadas acabam funcionando como quadros, como pinturas e são os elementos responsáveis pelo resgate da

“natureza” Não são mais planos livres mas “envidraçados” Na cidade de São Paulo, o térreo livre com pilotis não é agradável em virtude do vento e do frio. Além disso a vedação traz vantagens para a segurança, ao menos psicologicamente.

Os arquitetos-paisagistas modernos criaram desenhos que não estancavam as funções em áreas rigidamente marcadas. Os pisos se misturavam, os caminhos se confundiam com as “pracinhas” ou eram os próprios espaços de estar. Estes princípios ainda são seguidos, mas houve a especialização dos usos dos espaços livres, nos anos 80, por exigência do mercado.



No edifício Tomie Othake, do arq. Ruy Othake, as varandas das salas são como ondas e a empena foi pintada em fortes tons de vermelho, azul, cinza e amarelo

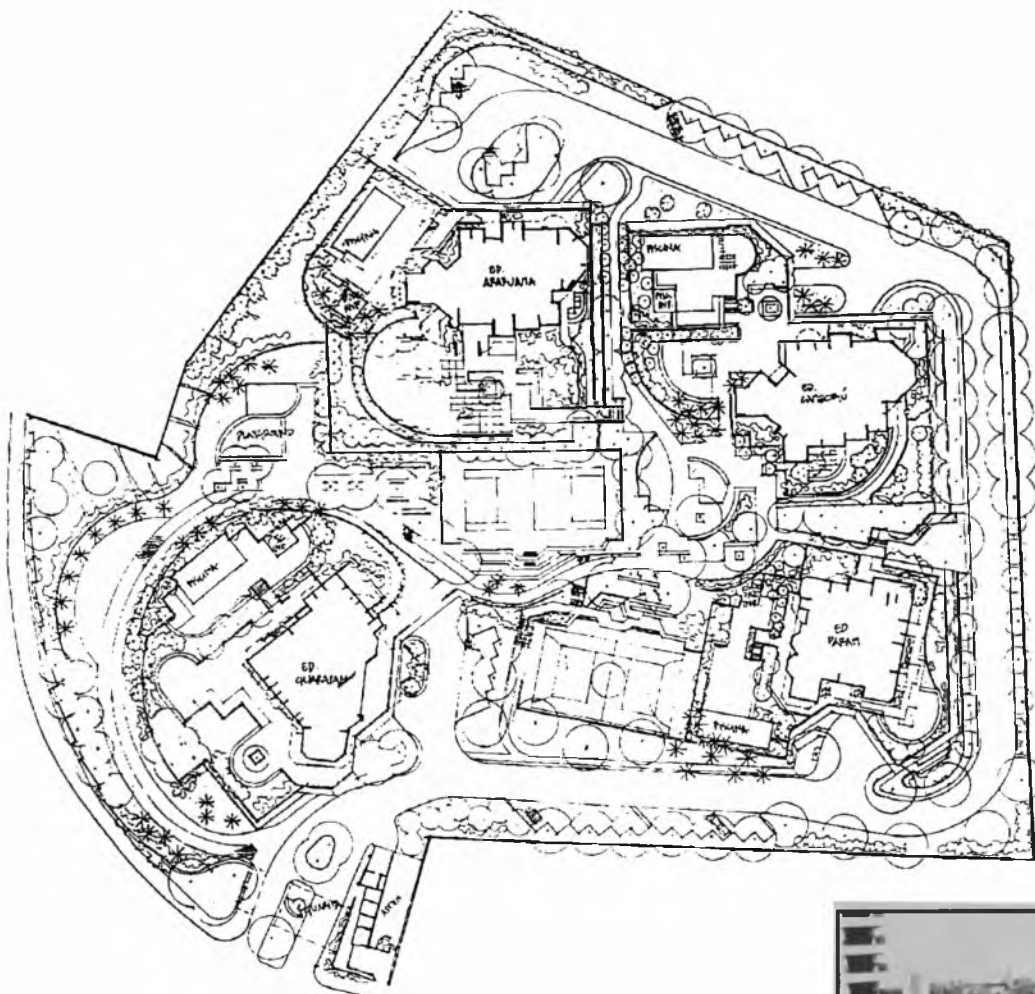


No edifício Tucumã, no jardim Paulistano, os clientes de Jamil Kfourí foram os moradores, não a construtora. Eles deram grande valor à qualidade. O desenho do piso de mosaico português é bastante elaborado, bem como o de outros elementos como os bancos e da "moldura" em concreto para a árvore



O grafismo é especialmente importante para quem vê o térreo dos apartamentos





No condomínio Anália Franco, no Tatuapé, cada edifício possui seus muros, mas há uma área de lazer comum projetada por Rosa Klíass



Muitos espaços de estar e caminhos para passeio, bicicletas ou cooper

O playground é compacto. Há muitas palmeiras e arecas que criam a sensação de vegetação exuberante imediatamente após o plantio





No edifício Belvedere Firenze, no Real Parque, degraus e desenhos de piso de mosaico e pedra mineira são retos e angulosos



O paisagista Luciano Fiaschi pôs em cada canteiro apenas uma espécie, o que marca a presença da planta



A área de lazer, neste caso, é o playground e um gramado



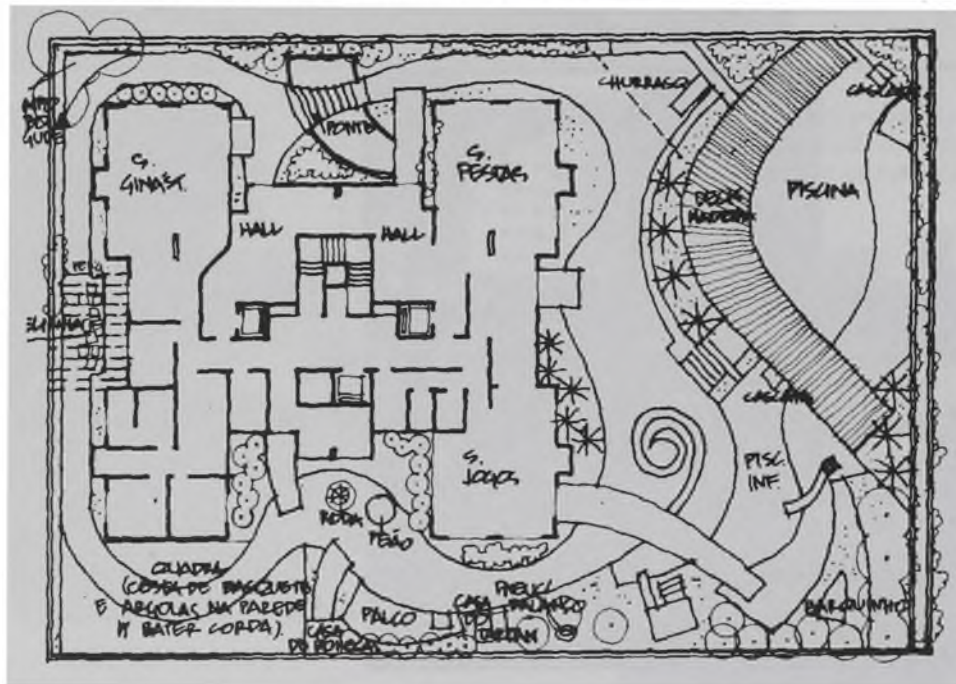
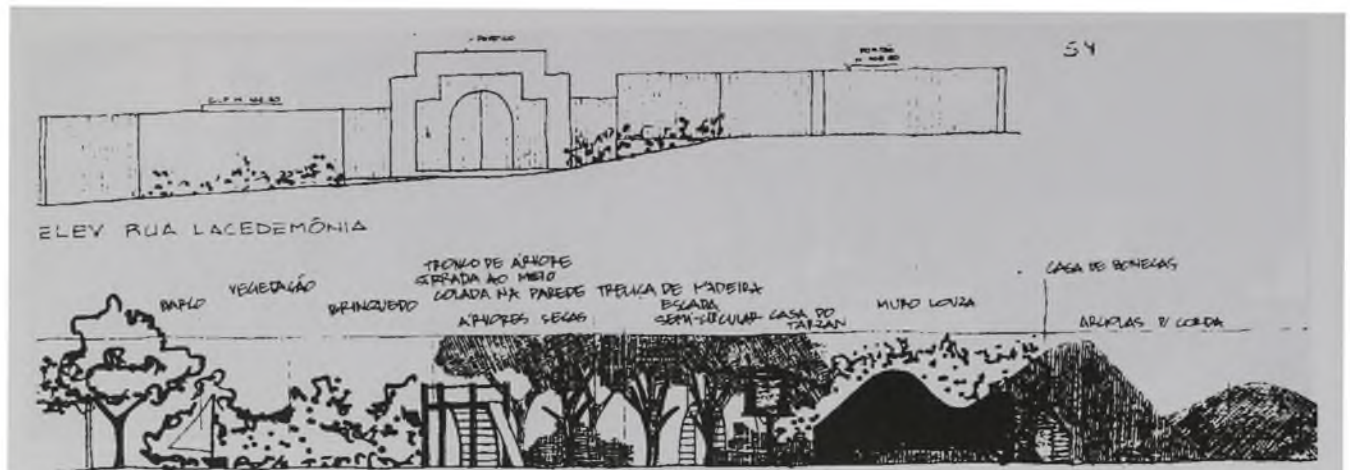
O térreo do condomínio Portal da Cidade foi projetado pelo arquiteto Ruy Othake, mas o projeto de plantação foi feito por Sidney Linhares. Bastante contemporâneo possui portaria com tijolos de vidro



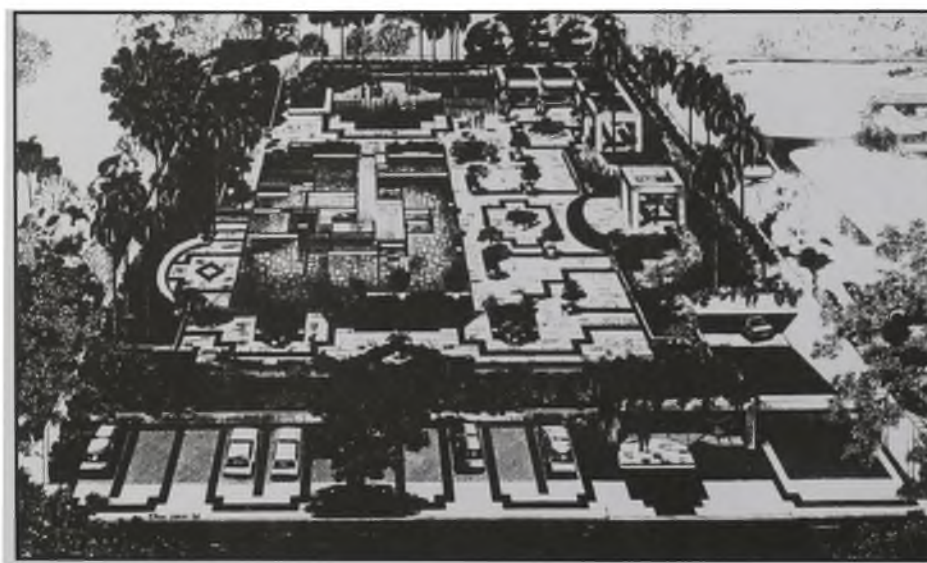
Piscina com círculos-ilha



Anfiteatro



Edifício East Brooklin, no Brooklin, do arquiteto Benedito Abbud, com a colaboração de Fany Galender é testemunho do casamento do projeto com o marketing das construtoras. A proposta era destinar o térreo às crianças. O arquiteto projetou para elas a "casa do Tarzan", o "muro lousa" e o "campo de bola de gude", entre outros equipamentos. Benedito Abbud é o arquiteto que mais faz projetos de paisagismo para edifícios de apartamentos, desta forma incorpora mais rapidamente novidades em termos de materiais de construção, de desenho e de marketing



O edifício Prince of Berkeley, em Moema, pode ser considerado bastante contemporâneo com desenhos de piso que se parecem com molduras, quiosques arrojados e cores fortes. Fonte: Anúncio publicitário da Construtora

Como a intenção projetual dos arquitetos era também por espaços flexíveis e funcionais, estes espaços, por este caráter, comportam os equipamentos desejados. Todas estas novas funções, se a área for compatível, se encaixam perfeitamente no desenho proposto pela escola californiana de Garret Eckbo. Os espaços ficam dispostos, integrados entre si e mantendo relações com a edificação.

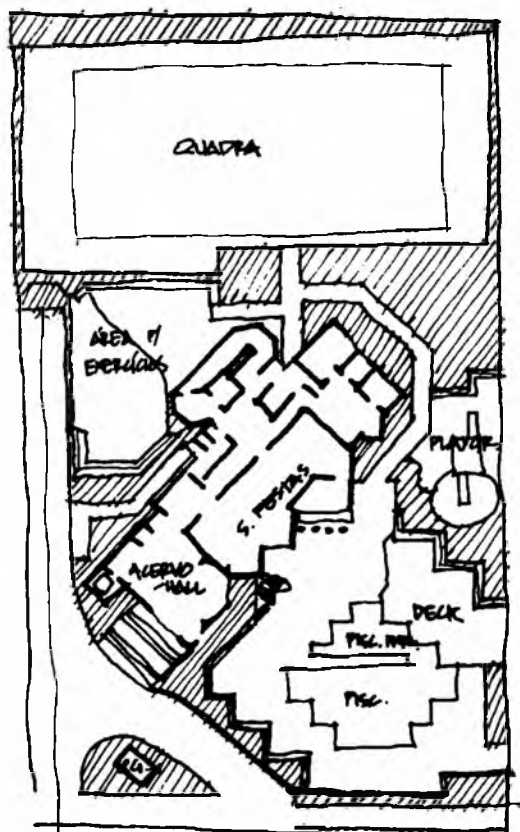
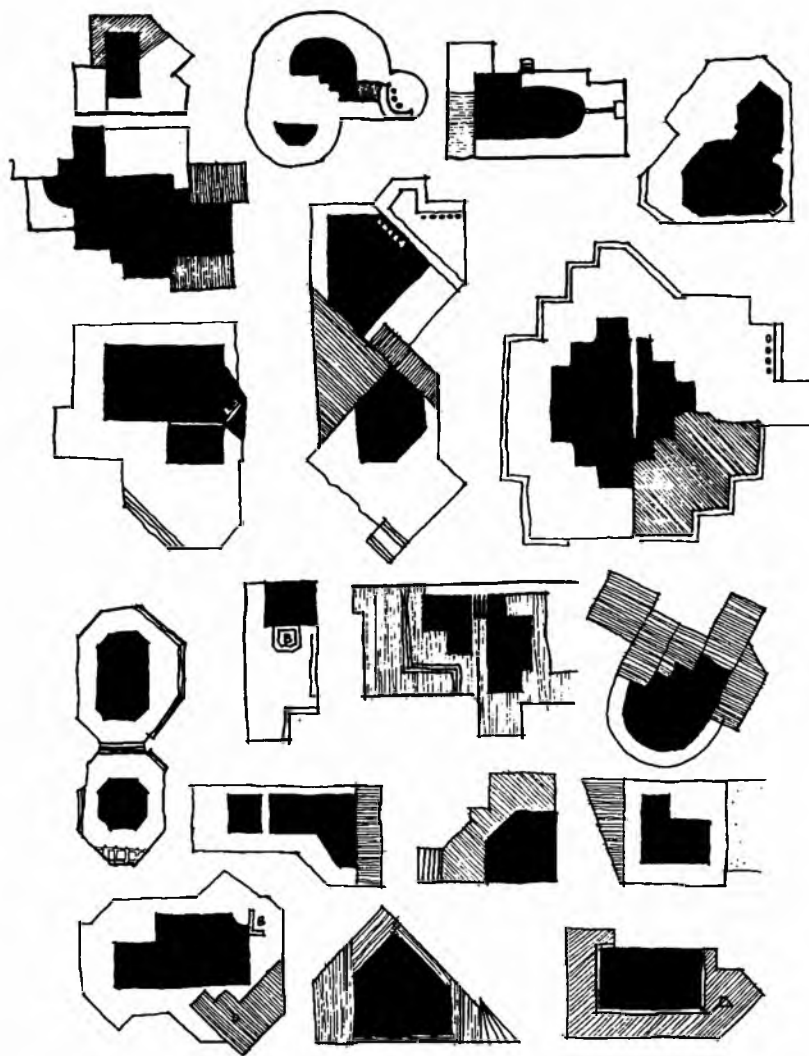
Anos 90

Sobre o conjunto dos projetos em geral, de paisagistas renomados ou não, ou de autoria de profissionais que não atuam exclusivamente com paisagismo, podemos tirar um receituário de formas de desenho que surgiram e por incontáveis vezes se repetiram. Aparecem os espaços derivados de bolinhas ou derivados de polígonos, com ângulos 45 e 60 graus. As piscinas ganham formatos que vão do circular ou oval ao retangular chanfrado em todas as extremidades, os *decks* – de madeira necessariamente – acompanham a geometria escolhida. Os *playgrounds* têm formatos de círculos ou de polígonos irregulares e assim por diante. O formato de cada espaço, em função da geometrização em vigor, se adapta às configurações irregulares dos lotes. Nos exíguos lotes urbanos, as diagonais e os ângulos “criam” espaços maiores, pois podem ser observados de todos os ângulos.

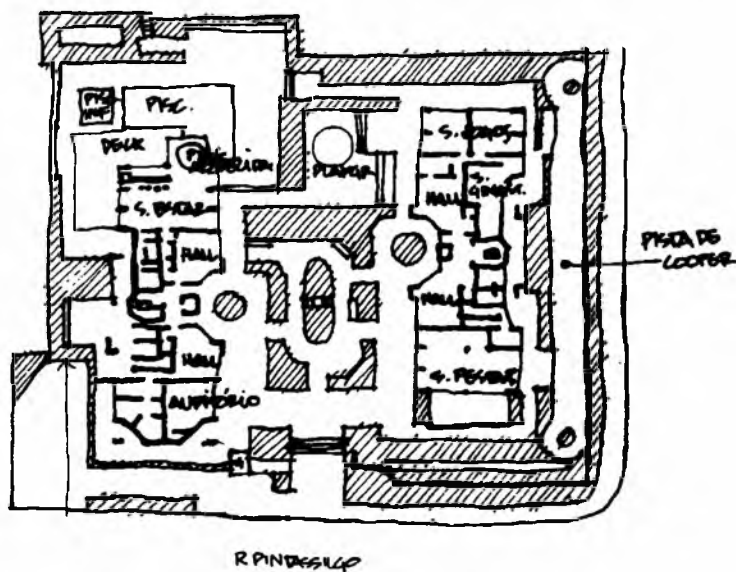
Os brinquedos são padronizados, em alguns casos aparecem brinquedos pedagógicos, normalmente feitos de troncos de eucalipto fixos, que procuram estimular a criatividade na hora de brincar e permitem o uso por várias crianças ao mesmo tempo, já que a monotonia dos brinquedos tradicionais pode levar à perda de interesse por parte das crianças.

As piscinas são implantadas elevadas em relação à laje do pavimento térreo. Sua cor tem grande peso ao desenho do térreo, visto através dos apartamentos, sendo em alguns casos

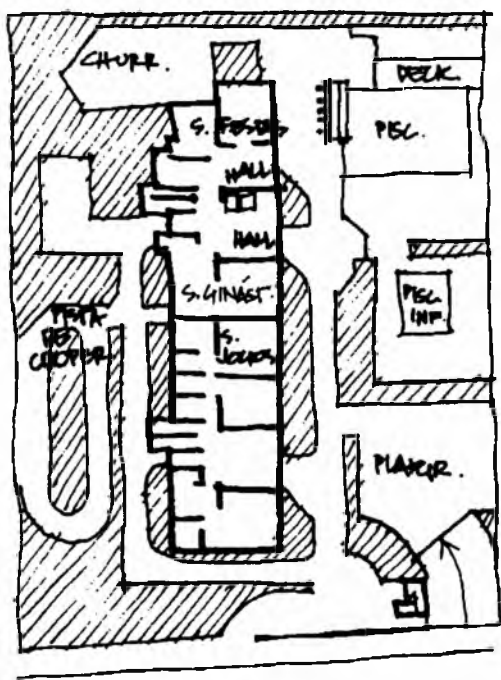
Esta investigação sobre o desenho destes espaços, extraídos de catálogos de anúncios publicitários, é um exercício formal. Na realidade, cada espaço deve ser analisado em seu contexto já que forma relações com os espaços vizinhos e com o lote



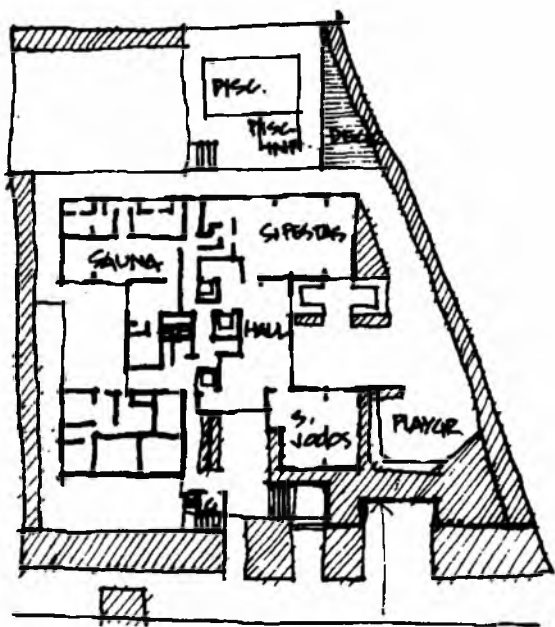
ED. CALABRONE
Rua Edson, 160 - Campo Belo



ED. AVIS RARA
Rua Pintassilgo, esquina Rua Rouxinol - Moema

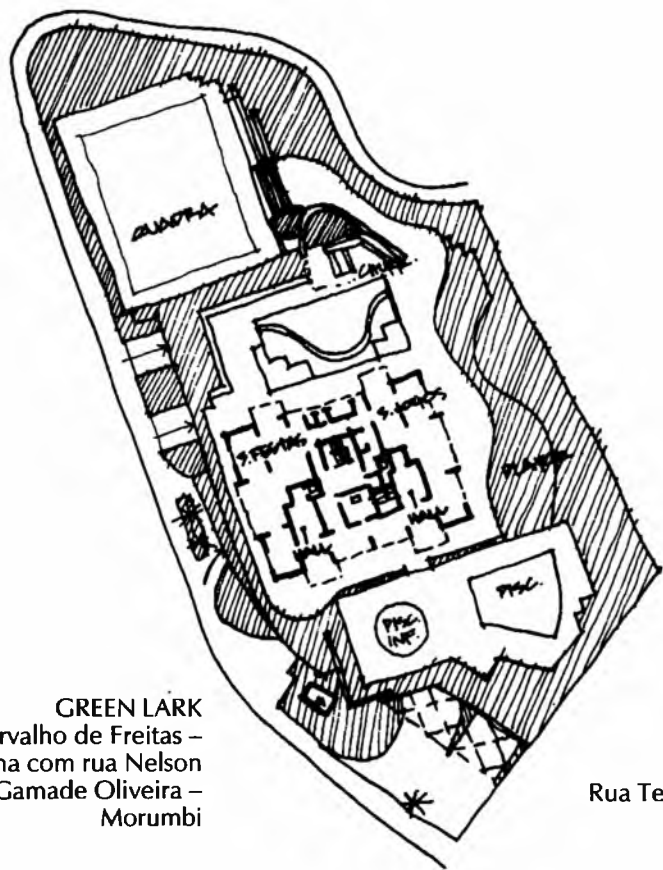


ED. ATHENAS GARDEN
Avenida Il de Junho, 1291 - Vila Mariana

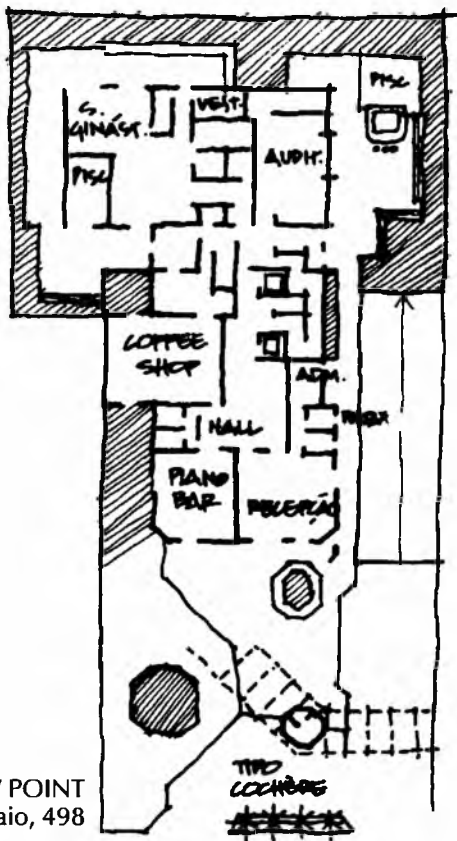


ED. BERKELEY
Rua Pedro Doll, 470 - Altos de Santana

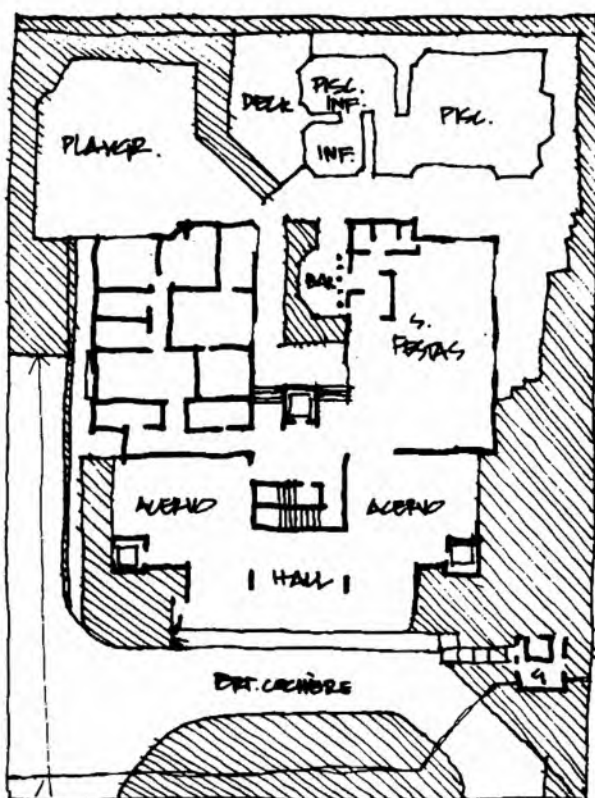
▨ Área Verde
→ Acesso de Veículos



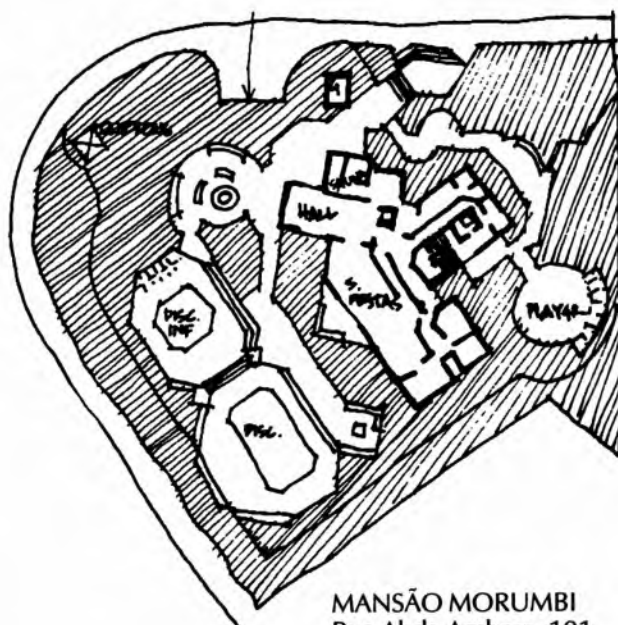
GREEN LARK
Rua Carvalho de Freitas –
esquina com rua Nelson
Camade Oliveira –
Morumbi



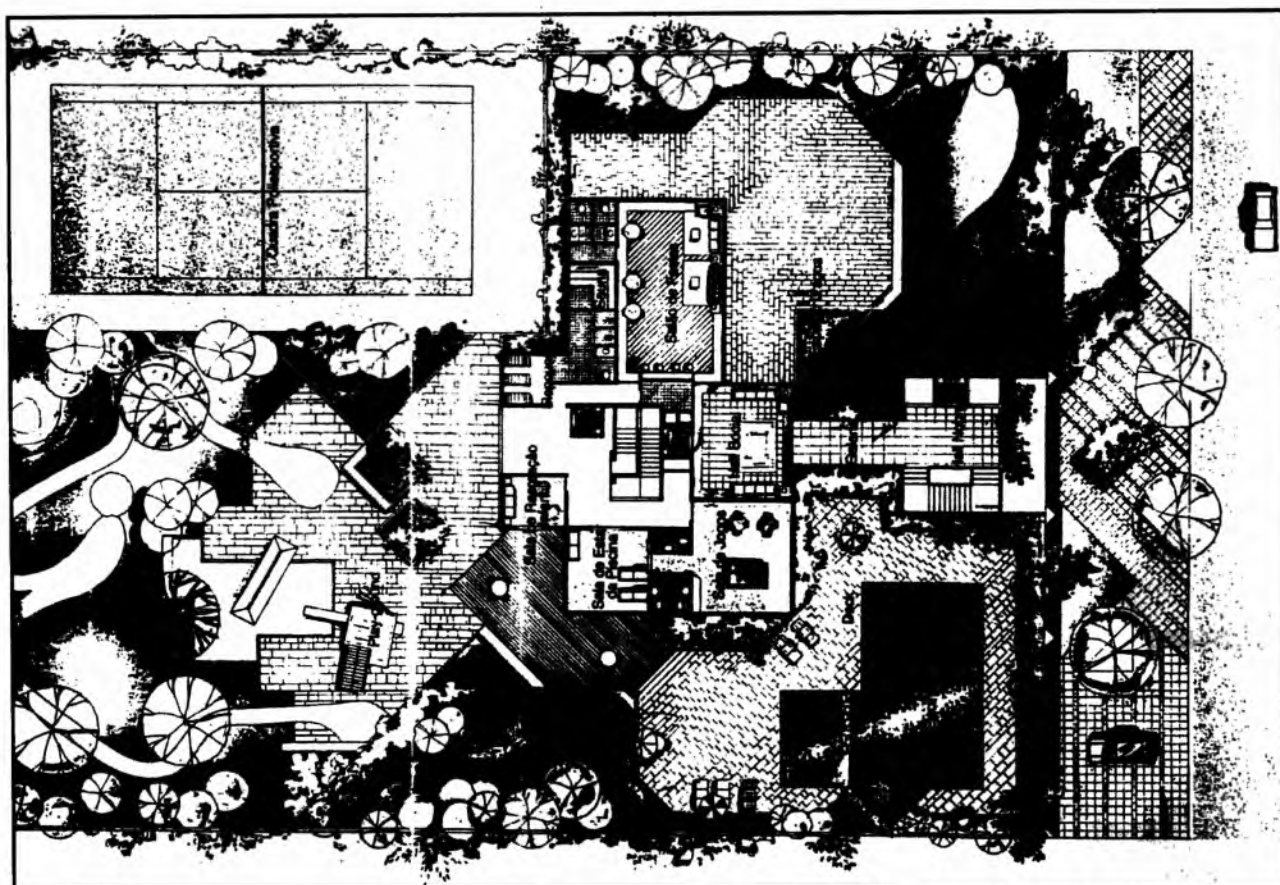
NEW POINT
Rua Teodoro Sampaio, 498



ED. ALDEIR MARTINS
Avenida Macuco, 49 – Moema



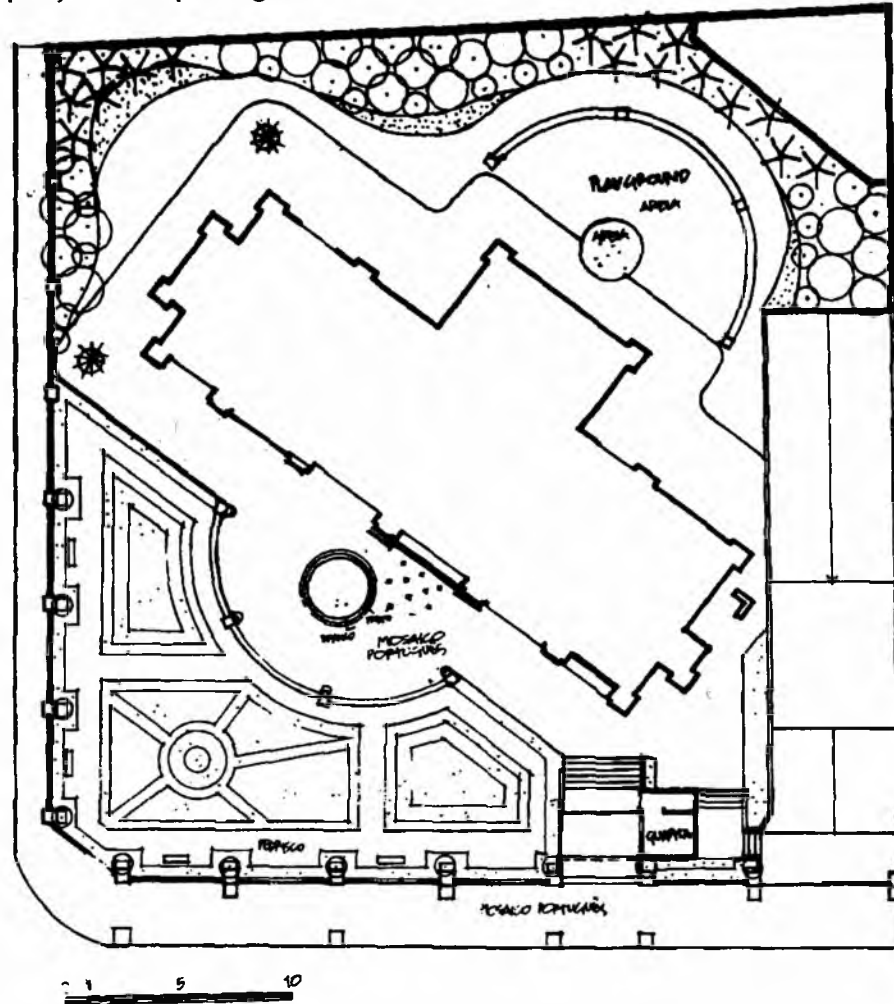
MANSÃO MORUMBI
Rua Abda Ambara, 101



ED. FALSTAFF - Morumbi

aproveitada para as vistas dos dormitórios e da sala. Na grande maioria dos casos, é a única forma pela qual a água entra no projeto de paisagismo.

Ed. Prince of Kronberg,
em Moema, com
paisagismo de
Maria João D'Orey



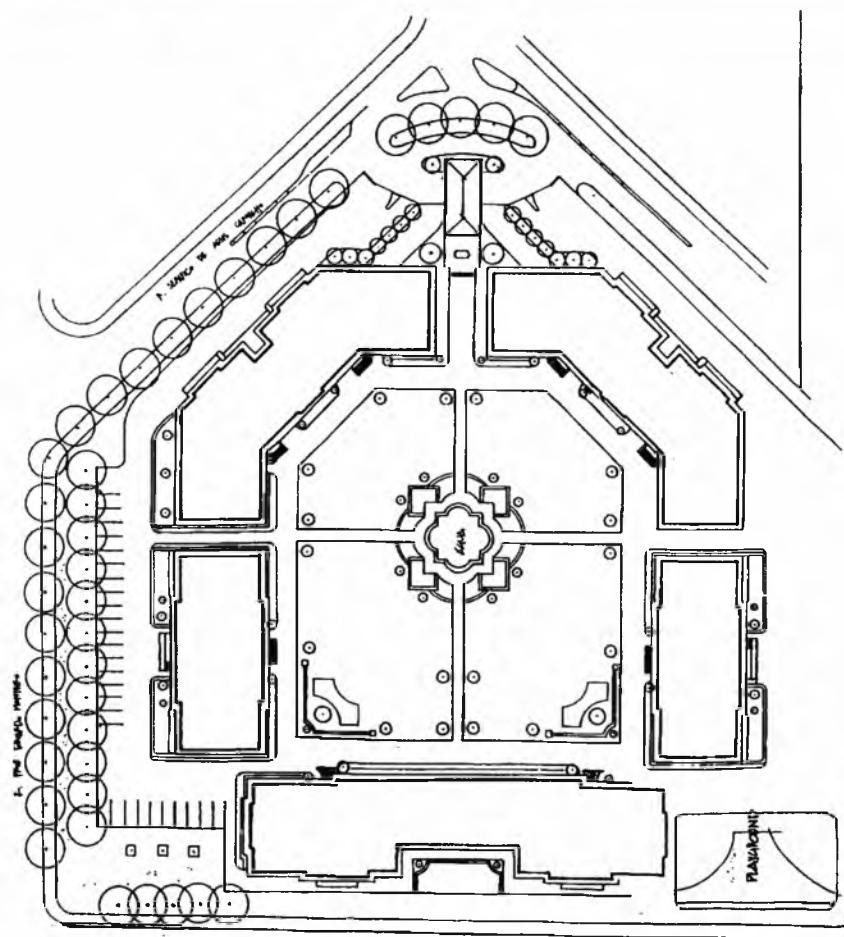
Nos anos 90 se observa também um “neo-ecletismo”, a volta dos jardins de estilo. Na prática, eles nunca deixaram de ser projetados mas, nos edifícios de apartamentos, a tendência é mais forte na década de 90. Sempre persistiram edifícios com nomes franceses ou ingleses, com títulos de nobreza, como “Prince des Tulleries”, mas o paisagismo no máximo faria uma pálida referência. O neo-ecletismo pretende adequar o jardim ao estilo do edifício, seja francês ou italiano, criando um clima ou um cenário completo.

O projeto do “neo-ecletismo” se torna, por exemplo, como os jardins do renascimento, formalistas, mais para contemplação

que para o uso e seguem um esquema rígido de eixos que emolduram e monumentalizam a edificação. Trazem espécies de plantas que nos remetem ao clima temperado – aproveitando-se que São Paulo comporta tais espécies em termos de manutenção.



Place des Voges, poucos equipamentos, monumentalidade conseguida com eixos, gramados e caminhos bem definidos



Desenho: Francine G. Sakata

*Projeto de paisagismo e arquitetura: Marcos Tomanik
Projeto de plantação: Sueli Suchodolski*

Este neo-ecletismo reintroduz a história sem história, sem prática. O condomínio Place des Voges no Morumbi, por

exemplo, faz referência ao projeto da praça francesa, mas seu uso será completamente diferente.

Neo-ecletismo e pós-modernismo são adotados pelas construtoras como sinônimos de sofisticação por conferirem uma feição mais marcante e rebuscada aos empreendimentos. A arquitetura paisagística brasileira não está criando, nestes casos, um padrão novo e conceitualmente forte. Nos projetos de paisagismo, principalmente nos mais comerciais, como é o caso dos edifícios de apartamentos, foram adotados modelos estrangeiros ou do passado. Isto vem sendo feito com pouca ou nenhuma revisão dos conceitos, das situações que geraram aqueles modelos. A nova corrente não configura, de saída, um retrocesso mas a falta de consciência que no moderno estava presente, empobrece as novas propostas...

BIBLIOGRAFIA

- ABBUD, Benedito. *Vegetação e projeto*. São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- ABBUD, Benedito, MIYAZAKI, Elizabeth e GAVIÃO, Martha. *Por dentro das áreas externas*. São Paulo: Diretoria de Produto da Encol, 1986.
- ASHIHARA, Yoshinobu. *Exterior design in architecture*. Nova York: Van Nostrand Reinhold Co., 1970.
- BELLUZZO, Ana Maria. *Waldemar Cordeiro, uma aventura da razão*. São Paulo: MAC/USP, 1986.
- CARDOSO, Omar de Almeida. *Arquitetura paisagística e a cidade - do ecletismo ao moderno*. São Paulo: FAUUSP, 1990. Relatório de Pesquisa ao CNPQ.
- CASTILHA, Marcos S. *Arquitetura paisagística e a cidade - do ecletismo ao moderno*. São Paulo: FAUUSP, 1990. Relatório apresentado ao CNPQ.
- ECKBO, Garret. *Landscape for living*. Nova York: Dodge, 1950.
- ELIOVSON, Sima. *The gardens of Roberto Burle Marx*. Nova York: Sagapress, 1991.
- FERREIRA, Nadia Somekh M. *A (des)verticalização em São Paulo*. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- FRANCO, Maria Assunção Ribeiro Franco. *Espaço livre e arquitetura - O projeto dos espaços livres junto aos edifícios bancários*. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- GUARALDO, Eliane. *Arquitetura paisagística e a cidade - do ecletismo ao moderno*. São Paulo: FAUUSP, 1990. Relatório apresentado ao CNPQ.
- LAURIE, Michael. *Introducción a la arquitectura del paisaje*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.

- LEMOS, Carlos. *A casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1989.
- MACEDO, Sílvio S. *Higienópolis e arredores - Processo de mutação da paisagem urbana*. São Paulo: Edusp/Pini, 1987.
- _____. *Paisagem e habitação verticalizada - Os espaços livres como elementos de desenho urbano*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- MACEDO, Sílvio S., CENIQUEL, Mario. O paisagismo no Brasil - Introduzindo a questão. In: *Paisagem e Ambiente* - São Paulo: FAUUSP, 1982.
- MANN, William A. *Landscape architecture: An illustrated history in timelines, site, plans and biography*. Nova York: John Wiley & sons, 1993.
- MERA, Adina. Paisagem urbana e forma da cidade. *Revista de Administração Municipal do Rio de Janeiro*, n. 78, p. 323-348, out. 1966.
- MOTTA, Flávio Lichtenfels. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo: Nobel, 1983.
- NISHIKAWA, Ayako. *Espaços livres junto às habitações em São Paulo*. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- PROCESS ARCHITECTURE Publishing Co. *Revista Process n. 90* Garret Eckbo, Japan, 1982.
- REID, Grant W. *From concept to form in landscape design*. Nova York: Van Nostrand Reinhold, 1993.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- SILVA, José Afonso da. *Direito urbanístico Brasileiro*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1981.
- TOBEY, George B. *A history of landscape architecture - The relationship of people to environment*. Nova York: American Elsevier, 1973.
- TUNNARD, Christopher. *Gardens in the modern landscape*. Nova York: Arch Press, 1938.